

BREVE DISCUSSÃO DO URBANO NO BRASIL A PARTIR DA CIDADE DE SÃO PAULO NA PERSPECTIVA DE CAIO PRADO JÚNIOR

Sarasvati de Araujo Bacellar¹

E-mail: sabacellar@terra.com.br

Aluna do Departamento de Geografia²
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO

Uma breve análise temática do urbano no Brasil a partir da leitura da cidade de São Paulo na obra de Caio Prado Júnior é o que objetivamos discutir. Para tanto os referenciais teóricos e metodológicos da geografia histórica são as bases nas quais nos apoiamos. Deste modo o material que dá sustentação documental à pesquisa é por um lado uma restrita, porém inédita bibliografia de manuscritos que tocam a questão do urbano e do moderno, de 1938, selecionada no fundo Caio Prado Júnior sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros, e por outro os artigos sobre a cidade de São Paulo (1935 e 1941) que apesar de amplamente divulgados, em diversas edições publicadas pela editora Brasiliense, ainda não foram na nossa avaliação postos à pesquisa sob o enfoque aqui proposto. Os resultados primeiros desta pesquisa apontam para uma discussão da estrutura urbana com pontos, ora próximos, ora distantes do modelo de estrutura urbana apresentada pela Escola de Chicago (BURGESS, 1925).

Palavras-chave: *Urbano; Brasil; Cidade; São Paulo; Caio Prado Júnior.*

¹ Bolsista do Instituto de Estudos Brasileiros pelo CNPq-PIBIC.

² Departamento de Geografia – Avenida: Profº Lineu Prestes, 338. Cidade Universitária.

CEP 05508-000 São Paulo. Fone: (11) 3091-3769 Fax (11) 3091-3159

Introdução

Um dos principais intelectuais brasileiros do século XX Caio Prado Júnior produziu uma interpretação original e influente. Redescobrimo o passado, repensando o presente e abrindo perspectivas de tendências futuras sua visão filosófica e seus interesses não se estreitavam aos limites convencionais entre as ciências. Principiava pela escolha do problema e, a partir daí, desse objetivo, procurava compreender os vários aspectos que convergiam para ele. (ANDRADE, 1989, p.256, D'INCAO, 1989, p.9, IANNI, 1989, p. 64, IUMATTI, 2001).

Por um lado, nesta obra tão profícua, que sob forte base histórico-geográfica trouxe contribuições das mais notáveis para o conceito de formação brasileira, e por outro lado, pelo questionamento sobre a problemática do urbano no Brasil a partir da perspectiva da cidade de São Paulo em particular, partimos, pois, para um estudo do urbano sob a ótica deste autor escolhido o referencial teórico dado por geografia retrospectiva. Em vista do enfoque definido neste artigo trabalhamos a concepção de urbano e de cidade tomados em perspectiva de união, apesar de conscientes das limitações que esta abordagem pode trazer a nossa discussão da temática, a qual avaliamos entretanto pertinente a uma discussão que se propõe com foco mais amplo. Buscando paralelos entre o particular, o urbano e as cidades, e o geral para o território brasileiro.

A base documental priorizada neste trabalho focou os estudos específicos de Caio Prado Júnior sobre a cidade de São Paulo, em que se destacam os artigos: *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo* (1935) e *Nova Contribuição para geografia urbana da cidade de São Paulo* (1941); e o livro *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942). Colocando-os à luz de outros manuscritos, deste mesmo autor, ainda inéditos, que se aproximam à temática do urbano: [*Países Baixos*, 1938] e [*Cultura nórdica e cultura moderna*, 1938] - estes últimos hoje parte do Fundo Caio Prado Júnior do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo³.

³ Fundo Caio Prado Júnior do IEB-USP.

Uma leitura do urbano a partir de São Paulo reproduzindo o caráter da formação brasileira

Tomando que: “Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem” (FIORIN, 2002, p.70), e que diferentes do mesmo já estão nele inscritas como possibilidades procuramos, nas fontes pesquisadas determinar o(s) plano(s) de leitura da construção do discurso para uma discussão do urbano no Brasil a partir da cidade de São Paulo na perspectiva de Caio Prado Júnior, num panorama ainda que breve. (BACELLAR, 2006).

Em 1942 com *Formação do Brasil Contemporâneo* Caio Prado Júnior cristaliza discussões e concepções que lançam explicação do passado como meio para compreender o presente. Nos afirmando que o Brasil de hoje é a resultante do processo histórico. O início do século XIX, seria a etapa decisiva: o tempo síntese e chave. O momento da emancipação política brasileira para Caio Prado Júnior é a síntese na forma de um instantâneo, ou melhor, a imagem. A foto dos elementos que constituíram a nossa nacionalidade que nascia ali. Fruto tanto do que se realizara há três séculos, quanto das decisões políticas que se tomaram no instante da independência. Num movimento que parte da configuração do processo histórico –geográfico para compreender o lugar, Brasil.

Desta forma pelo cotejo entre as proposições, postas para a formação brasileira, por um lado, e por outro, as reflexões que o autor apresentou em outros documentos em que analisava os chamados países nórdicos (1938) e em vista justamente de uma comparação com a nossa realidade, particularmente entre a década de 30 e início da década de 40 para a cidade de São Paulo, onde a proeminência urbana já se materializava em nosso país, é que se insere a nossa discussão. Que aceita também a tese, apontada pela professora Maria Odila LEITE DA SILVA DIAS (1989, p.377), como central no pensamento de Caio Prado Júnior, de que: *As tensões entre sociedade e nação fariam parte de um processo inacabado em nossa história em que* “A evolução brasileira de simples colônia

tropical para nação, tão difícil e dolorosa e cujo processo mesmo em nossos dias ainda não se completou.” (PRADO JÚNIOR, 1942).

Temos, pois, em destaque no nosso plano de leitura que: Em **grande escala** o processo de formação nacional apareceria incompleto. Abortado por uma chamada revolução brasileira - a emancipação do país - que não teve a potência suficiente de fazer emergir uma nação plenamente orgânica⁴ como já indicava até mesmo trabalhos anteriores de Caio Prado Júnior⁵. E na **escala da especificidade** e na morfologia da cidade também uma formação incompleta. Demonstrando o caso paradigmático de São Paulo, em que mesmo ali, na cidade que assume a proeminência, quanto à incorporação e concretização do ideal moderno no Brasil; como num fenômeno subjacente da grande escala que rebate nas cidades e na constituição do urbano e do moderno brasileiro, a urbanização, pois, se realiza marcada pela falta de continuidade do conjunto. Portanto de forma incompleta, tal qual a própria nacionalidade que não se realizaria plena nesta perspectiva teórica.

O urbano na cidade de São Paulo se explicitaria na sua morfologia de ocupação, se traduzindo em bairros desarticulados e desordenadamente distribuídos, com exceção da parte central e de suas proximidades imediatas. Haveria na lógica urbana, desta cidade certos elementos que dariam “quebras” ao conjunto urbano. A integração dos diferentes pontos da cidade, estaria dificultada por parcelas inorgânicas que interromperiam a propriedade de conjunto espacial, o que não permitiria classificá-la como dotada de uma urbanização completa.

⁴ Nos baseando nas idéias de Prado temos que, a massa da população politicamente não madura (1933), como um fruto ainda não plenamente desenvolvido, constitui o *inorgânico* (1942) que se contrapõe à idéia de uma nação plena, ou seja em que todos os elementos da nação estariam completamente formados. Desta maneira também reforça a idéia do Brasil prioritariamente voltado para o mercado externo, apesar da eminência de um mercado interno (1945). Este último que nunca se desenvolveria tanto quanto poderia, em vista desta “desorganização”, ou melhor desta “organização” quase que total do país para atender as necessidades do mercado externo. Não permitindo, portanto, desenvolver um mercado interno por inteiro, pois todas as forças da nação que se constrói estariam voltadas a responder aos interesses externos.

⁵ Evolução Política do Brasil (1933) e *Distribuição de Propriedade Fundiária Rural no Estado de São Paulo*(sic) (1935), por exemplo.

Existiria sim uma urbanização a realizar-se, a completar-se, a fazer-se. Tal qual um nacional que ainda estaria em organização, em formação.

Há na macro-escala do país uma oposição estrutural entre o sistema de organização da economia colonial e a construção da nacionalidade sendo isto um traço peculiar da nossa inserção no mundo. As pendências da revolução brasileira se refletiriam, pois, nos mais diferentes fenômenos e construções sociais oriundos dessa nacionalidade incompleta havendo um desenvolvimento desigual e combinado não só do país como um todo, mas também, por exemplo no fenômeno urbano brasileiro. Em que nem seu maior expoente, a cidade de São Paulo, seria capaz de atender satisfatoriamente a idéia de conjunto urbano, cujos exemplos plenos seriam às cidades dos Países Baixos na perspectiva da obra de Caio Prado Júnior.

Duas concepções teóricas diferentes na congruência de uma mesma morfologia orgânica

Na área do centro e de suas proximidades imediatas à distribuição dos tipos de setores urbanos dentro da cidade de São Paulo obedecia a um “*zoning*” gradativo e hierárquico quase perfeito (PRADO JÚNIOR, 1941, p.214) próximo do modelo de “*zonings*” que permeavam o “*loop*” do modelo para a cidade de Chicago (BURGESS,1925). É interessante encontrarmos nisto, de certa maneira, um ponto de congruência entre o posto por Caio Prado Júnior nos artigos, e algumas das linhas gerais dos trabalhos da primeira fase da Escola de Chicago, sobre os círculos concêntricos. Como aponta, Maria Irene SZMRECSÁNYI⁶:

...Prado contém ainda lições que transcendem os limites da interpretação da realidade brasileira, pois adota princípios que permitem integrar numa análise mais completa posições teóricas sobre a cidade aparentemente díspares. Isso ocorre, por exemplo, com o conceito de cidade, fenômeno compreendido por Weber como a comunidade de interesses e de ação política de uma classe, a burguesia medievo-renascentista, que encontra em sua soberania

⁶ Como demonstra toda nossa pesquisa discordamos da percepção de Szmrecsányi em acreditar que não há elementos suficientes para traçar uma concepção urbana e de cidade em Caio Prado Júnior. Estas concepções seguem em paralelo amarradas com concepções mais gerais que o autor formula sobre o Brasil, entretanto são pertinentes as colocações da autora que também se debruço sobre o tema do urbano em Caio Prado Júnior explicitando como no fragmento acima, as múltiplas possibilidades de leitura da produção de Caio Prado Júnior no que toca as questões de cidades e do urbano no Brasil.

sobre o território urbano o ponto de arregimentação contra a aristocracia rural. Ou com o conceito de Simmel, colocado na mentalidade racional, abstrata e *blasé* do homem metropolitano do século XIX, encarnação da própria burguesia no período do capitalismo financeiro, Ou de Park, quando assentamentos físicos específicos porém mutuamente dependentes, numa ecologia urbana. Ou de Castels, quando entende a cidade como o local de reprodução da força de trabalho moderna. Ou como Lipietz e outros, preocupados com o papel regulador do Estado no confronto entre as classes sociais. Essa riqueza de leituras permitida por Prado, vem, certamente dos princípios teóricos marxistas que abraça. Mas vem também da forma exemplar como ele os usou para entender realidade tão pouco conhecida como a nossa história, incluindo sua face urbana. Por isso, mesmo que não possa ser comportada dentro da estreiteza dos estudos urbanos, sua obra deve ser utilizada por estes como uma fonte clássica de ensinamentos. (1989, p.376).

Nesta perspectiva vamos a um breve paralelo entre a estas duas percepções da morfologia da cidade, que indicavam uma mesma estrutura morfológica, mas visando a construção de diferentes conteúdos teóricos. Nisso nos valemos do professor Juarez Rubens Brandão LOPES (2005, p.34), relatando-nos os processos de sucessão do uso da terra que estavam ocorrendo na cidade de São Paulo, em especial nos bairros logo abaixo da Avenida Paulista, justamente no setor mais orgânico da área tida como central da urbe. O que ocorria em Chicago e em São Paulo obviamente era diferente, contudo em ambos os lugares *“os processos ecológicos –processos independentes da vontade e até certo ponto da consciência dos atores – dependiam indiretamente de instituições e valores da sociedade”* e não deixavam de expressar-se de maneira semelhante na constituição morfológica de certos setores do território.

Vamos a exemplificar: era possível, fazer dentro de um modelo geral, paralelos que buscassem abarcar diferentes as cidades. Seguindo este raciocínio, aquela sucessão de posições, em que nos subúrbios periféricos situava-se a classe alta pelo modelo de Chicago, apresentava-se no caso brasileiro mais aos moldes de um desenvolvimento setorial da cidade. Todavia, contando-se com certa abstração a respeito, primeiro dos “vazios” que se sucediam na cidade de São Paulo da época, em segundo, de que a cidade prioritariamente se desenvolvia em setores, em especial o sudoeste, era possível observar os círculos

concêntricos expostos a um rápido crescimento, aos quais Caio Prado Júnior⁷ se refere no artigo de 1941, sucessivamente havia a classe trabalhadora, a classe média, a classe média alta, e finalmente a classe alta.

Os ditos “pressupostos” da cidade, construídos a partir de fatores geográficos, demográficos, de valores de instituições eram importantes e constituíam parte tanto do modelo apresentado pela Escola de Chicago quanto dos trabalhos apresentados por Caio Prado. Contudo estes últimos, tudo indica mais filiados à tradicional geografia regional francesa. (LOPES, 2005, p. 35 e ABREU, 1994, p.25). Como evidência, pode-se argumentar que no mesmo período em que MONBEIG convida Caio a escrever uma nova contribuição à geografia trabalhando novamente a cidade de São Paulo, há a publicação do artigo metodológico-didático “O estudo geográfico da cidade”⁸ (MONBEIG,1941) que é o carro-chefe de uma série de estudos postos a debate no IX Congresso Brasileiro de Geografia de 1940, em Florianópolis, sob o patrocínio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro que era quem promovia o evento juntamente com o Conselho Nacional de Geografia, este último recém criado. (ABREU, 1994,p.26).

Compreendendo-se então os trabalhos de Caio Prado Júnior dentro da proposta de monografia urbana da escola francesa temos, pois, a aplicação do método da geografia regional à cidade, encarando-se assim a cidade como a região, que insere em si a síntese urbana integrando de forma analítica fatores físicos e humanos com a clara intenção de trazer a tona à cidade como fato geográfico. Conforme sistematizados por BLANCHARD⁹(1922) ou mesmo as monografias urbanas que já eram produzidas na França à quase 40 anos (ABREU,1994, p.35). Seis elementos básicos eram destacados: o sítio, a posição,

⁷ Ele discute também como fez -se a distribuição dos tipos de setores urbanos dentro da cidade “zoning”, apontando que o traço mais saliente dele é uma “gradação [hierarquia] quase perfeita.” (PRADO JÚNIOR, 1941, p. 214).

⁸ *O estudo geográfico das cidades* In: Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo, v.7, número 73, 1941b. Transcrito em: Boletim Geográfico, v.1, número 7, p.7-29, 1943, e em MONBEIG, Pierre. Novos estudos de geografia humana brasileira. São Paulo: DIFEL,1957. p.33-37. Posfácio do autor.

⁹ BLANCHARD, Raoul. *Une méthode de géographie urbaine. La Vie Urbaine*. V. 4, p.301-319, 1922. Transcrito In: *Révue de Géographie Alpine*, v 16, p. 193-214, 1928.

a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio de ação da cidade. O exemplo mais bem acabado deste tipo de estudo no Brasil foi 'A cidade de São Paulo', obra em quatro volumes que começa a ser idealizada em 1948, em vista das comemorações do quarto centenário da cidade, que se planejava fosse coordenada por Caio Prado Júnior, mas acaba publicada apenas em 1956, pelas mãos de Aroldo de Azevedo.

Ainda quanto a pôr em paralelo, como tendência metodológica, o viés de Caio Prado Júnior¹⁰ e a proposta ecológica, vale lembrar que esta última de maneira nenhuma era a mesma da geografia. Na concepção de PIERSON¹¹ (1948) por exemplo, "a cidade era um organismo natural que surge da interação das forças naturais" embutindo, portanto, o mesmo viés naturalista da Geografia Humana, entretanto usando o método científico muito mais próximo às ciências ditas exclusivamente da natureza e buscando leis. (ABREU, 1994, p.29).

Encontramos, pois na nossa comparação um **paradoxo essencial**, pois a geografia humana caminhava, em linhas gerais, por um processo essencialmente indutivo e prioritariamente parcial e monográfico, através do qual buscava construir uma compreensão sintética da realidade que ao mesmo tempo também era analítica e detalhada, visando apreender a "alma" da cidade, contemplando o estudo do meio natural e deste com o homem, nunca deste último isoladamente sempre este último posto frente à questão da **localização espacial**. Contrapondo-se a isso, visando em seu íntimo o estabelecimento de leis, a Ecologia Humana não estudava as relações diretas entre o meio físico e o homem, mas sim **as relações entre os próprios homens**, que no processo da realidade da vida acabavam marcadas pelas influências do *habitat*. Mas apesar deste ponto fundamental de incongruência, tomamos que ainda é válido este paralelismo na nossa discussão por razão tanto dos argumentos apresentados anteriormente na referência de SZMRECSÁNYI (1989) quanto também porque:

¹⁰ A qual há indícios se filiava os trabalhos de Caio Prado Júnior.

¹¹ Trabalhamos aqui com os conceitos postos por esse autor a partir de fontes de segunda mão particularmente LOPES, 2005 e ABREU, 1994.

- a) Existem indícios de que PIERSON, grande nome da Escola de Chicago no Brasil, tenha sido lido pelos geógrafos da época, havendo até transcrições de trabalhos dele no Boletim Geográfico¹². (ABREU,1994, p.29).
- b) Não só neste ponto como em muitos outros há ambigüidades que percorrem as obras de Caio Prado Júnior¹³, tal qual às dos grandes pensadores, cuja própria riqueza fomenta muitos lados de uma mesma questão. (BARREIRO, 1989, p.101).

O orgânico e o inorgânico numa breve consideração final que conclui no dado de um urbano estar *em formação*

A parte orgânica¹⁴ em que se encaixariam as engrenagens da economia mundo e portanto da civilização, em que se expressa, por exemplo na cidade de São Paulo, pela técnica plena, de pontes e viadutos, em que o homem consegue na medida do possível dominar o meio para o uso da cidade, sobretudo no setor central sudoeste; colocar-se-ia em contraste a uma parte inorgânica e “inacabada”, em que reina a insuficiência técnica, representada por espaços que são freqüentemente habitados por populações mais pobres como: as várzeas dos rios ou os pontos altos, estes últimos, porém muito distantes do centro da capital paulista. Ditado por interesses mais urgentes do capital estes espaços foram provisoriamente esquecidos, e dariam o caráter inorgânico que interromperia a morfologia do conjunto urbano, dando a cidade, mesmo o exemplo mais bem acabado de cidade a modernizar-se e industrializar-se à época (décadas de 30 a 40) a propriedade de estar em formação. (BACELLAR, 2006)

Retomando-se o caso de orgânico e inorgânico no Brasil tem-se que, em breves linhas o primeiro representaria as instituições que determinam e se enquadram no ordenamento do país, e o segundo a grande massa de trabalhadores, que não trariam elementos culturais e psicológicos suficientemente

¹² PIERSON, Donald *O estudo da cidade*. Boletim Geográfico IBGE, Rio de Janeiro, v. 1, número 8, 1943, p. 51-55.

¹³ Um interessante artigo que discute um exemplo destas possíveis ambigüidades nas obras de Caio Prado Júnior é ‘*A questão da ruptura na historiografia brasileira*’ (MELO, 1989, p.97-100).

¹⁴ Usando os conceitos de orgânico e inorgânico em *Formação do Brasil Contemporâneo*,1942.

fortes para constituírem relevância na arena política e institucional brasileira que ordena o país.

E dessa forma, intentamos traçar de forma ainda que sumária, uma interpretação que fazendo um paralelo entre um orgânico e um inorgânico para o caso particular da cidade de São Paulo, que embora represente a modernidade para o Brasil ainda estaria muito aquém do que se entenderia por moderno e urbano em face à “civilização moderna” dos ditos centros hegemônicos, que Caio Prado Júnior usa como artifício comparativo para entender ao Brasil. País no qual urbano e moderno estaria a constituir-se, ou se constituíra de forma incompleta, ou de forma não plenamente desenvolvida, tal qual nacionalidade na perspectiva deste autor, que encararia o urbano como um elemento que expressaria as contradições intrínsecas do país oriunda do seu problema original de formação, o *sentido da colonização*, que inclina as forças desta nação, a predominantemente responder aos interesses externos, mais que se ordenar a si mesma. Há uma ordem interna, mas ela é marcada por expressar-se em diferentes formas de descontinuidade. A morfologia urbana de muitas cidades brasileiras, particularmente São Paulo, pois, apresenta-se como um caso particular que explicita a reprodução no espaço do processo geral de formação do Brasil, com o seu lado orgânico, inserido nas visas dos interesses que se ligam direta ou indiretamente ao capital externo, e seu lado “inorgânico” que tenta ligar-se.

Bibliografia sumária relevante à confecção deste artigo

ABREU, Maurício de Almeida. 1994 *O estudo geográfico da cidade no Brasil evolução e avaliação: Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro* In: Revista Brasileira de Geografia, número 56 (1/4) jan./Dez, Rio de Janeiro.

ANDRADE, Manuel Correia de. 1989, *As rebeliões do período regencial*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

AZEVEDO, Aroldo (coord.) *A cidade de São Paulo*. São Paulo, 1956. 4 volumes.

BACELLAR, Sarasvati de Araújo, 2006, *Breve discussão do urbano em Caio Prado Júnior* In: *Anais do 1º Simpósio Nacional o urbano e o rural no Brasil*, São Paulo, Dez 2006.

_____ *Uma leitura da cidade de São Paulo em Caio Prado Júnior*, 2006, Dissertação apresentada à obtenção do título de bacharel em geografia a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Dez. 2006. (prelo)

BARREIRO, José Carlos, 1989, *A memória do trabalho*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo..

BURGESS, Ernest W. 1925. *The growth of the City: An introduction to a Research Project*. In: Park, Robert E. and Burgess. *The City*. Chicago In: Pierson, Donald, *Estudos de ecologia humana*. São Paulo, Ed. Martins, s/d.

CÂNDIDO, Antônio, 1989, *A força do concreto*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

D'INCAO, Maria Ângela, 1989, *Apresentação: História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo

FIORIN, José Luiz, 2002 *Elementos de análise do discurso*, Editora Contexto, São Paulo.

FERNANDES, Florestan, 1989, *A visão do amigo*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

GORENDER, Jacob, 2005 *O ciclo do PCB 1922-1980* In: Fontes, Alexandre. *et al.* (org.) *História e perspectivas da esquerda*, Argos, São Paulo.

IANNI, Octávio . *A dialética da história*, 1989 In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Júnior, historiador e editor*, 2001 Tese de doutoramento em História Social defendida na FFLCH-USP, São Paulo.

LEITE DA SILVA DIAS, Maria Odila, 1989, *Impasses do inorgânico*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

LIMA, Heitor Ferreira, 1989, *Caio Prado e seu tempo*. In: D'Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

LOPES, Juarez Rubens Brandão, 2005 *A escola de Chicago ontem e hoje* In: Valladares, Lícia do Prado. *A Escola de Chicago Impacto de uma tradição no Brasil e na França*, Editora UFMG, Rio de Janeiro.

MARTINEZ, Paulo Henrique, 1998, *A dinâmica do pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*, Tese de doutoramento em História Social defendida na FFLCH-USP, São Paulo.

MELO, Jayro ,1989, *A questão da ruptura na historiografia brasileira* In: D’Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

MONBEIG, Pierre,1940, *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*, Livraria Martins Fontes, São Paulo.

PIERSON, Donald, 1943. *O estudo da cidade*. Boletim Geográfico IBGE, Rio de Janeiro, v. 1, número 8.

PRADO JÚNIOR. Caio, 1933 *Evolução Política do Brasil* , Empresa Gráfica “Revista dos Tribunais”, São Paulo.

_____,1935, *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo* In: *Geografia*, número 3, São Paulo.

_____,1935 ”*Distribuição de Propriedade Fundiária Rural no Estado de São Paulo*”(sic) In: *Geografia*, número 1, São Paulo.

_____[*Caderno Países Baixos*, 1938], Manuscrito In: Fundo Caio Prado Júnior do Arquivo do IEB.

_____[*Caderno Cultura nórdica e cultura moderna*, 1938], Manuscrito In: Fundo Caio Prado Júnior do Arquivo do IEB.

_____,1941, *Nova contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo* In: *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro,.

_____*Formação do Brasil Contemporâneo*, 1942, Editora Brasiliense, 23ª ed, São Paulo, 2004.

_____*História Econômica do Brasil*, 1945, Editora Brasiliense, 30ª ed, São Paulo, 1984.

SANTOS, Milton,1989, *Renovando o pensamento geográfico*. In: D’Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.

SEABRA, Manuel. 2006, *Caio Prado Júnior e os primeiros anos da AGB*, prelo.

SZMRECSÁNYI, Maria Irene, 1989, *Contribuição ao estudo da urbanização no Brasil* In: D’Incao (org.) *História e Ideal*, Editora Unesp e Brasiliense, São Paulo.